

Raul Negrão Fleury

A FORMAÇÃO MÉDICA E AS NECESSIDADES DA SAÚDE NO BRASIL

Os médicos tanto da rede pública como privada de saúde no Brasil não conhecem Hanseníase. Com raras exceções não conseguem diagnosticar, tratar e interpretar as ocorrências comuns desta doença endêmica. Repete-se esta situação em relação às endemias com a Esquistossomose, Doença de Chagas, Leishmaniose visceral, Malária e outras.

O perfil do médico que trabalha nas unidades básicas de saúde é de um "generalista" mal situado, que não teve acesso às residências médicas ou de um especialista em qualquer área, que faz do atendimento público uma atividade menor e, sempre que possível, temporária. No entanto, como um Juiz é o centro das atividades jurídicas, o médico é o centro das atividades da saúde e para isto deve estar qualificado para enfrentar a complexidade e variedade das patologias atendidas na rede básica.

Esta qualificação não vem junto com o diploma ao fim de 6 anos de faculdade. Há uma liberdade muito grande quanto a instalação de Escolas médicas e quanto ao currículo nelas desenvolvido. Aqueles que cursam as melhores faculdades, em geral públicas, conseguem atravessar o gargalo das residências médicas e se especializam visando uma atividade mais limitada, menos desgastante, sempre mais prestigiada e rentável. Vão trabalhar em seus consultórios atendendo clínica particular e planos de saúde. O dinheiro público gasto em sua formação acadêmica, não retorna como atendimento à população. Aqueles que não têm acesso às residências médicas, a menos que tenham um bom apadrinhamento, vão constituir a massa de profissionais despreparados que sobrevivem atendendo os planos de saúde menos

Fleury RN. A formação médica e as necessidades da saúde no Brasil. *Hansen Int.* 2007; 32(2): 151-2.

qualificados e a rede básica. O retorno é de má qualidade, correspondendo também às más condições de remuneração.

A correção desta distorção é uma questão de vontade política, associada ao conhecimento técnico. Quando o governo terceiriza um serviço público, cobra das concessionárias, com rigor, a qualidade dos serviços prestados e a preservação do bem público. Em relação às escolas Médicas deveria se cobrar a formação preferencial de um generalista com competência para atender clínica médica, pediatria, ginecologia clínica, assistência pré-natal, moléstias infecciosas e com preparo suficiente para também atender ocorrências mais comuns e menos complexas das especialidades. Isto não é uma utopia. Através de um currículo mais racional, ensino técnico e prático intensivo e não dispersivo, um médico, com este perfil, seria formado em 5 anos.

A desigualdade na qualidade dos cursos médicos no país, exigiria uma avaliação criteriosa, geral e uniforme ao fim deste 5 anos, sem a devida qualificação, não haveria diploma. Uma sugestão seria que o atual 6º ano das

1 Médico Patologista. Doutor em Patologia. Professor Assistente Doutor Aposentado do Departamento de Patologia da Faculdade de Odontologia de Bauru, Universidade de São Paulo. Médico Patologista Aposentado e Pesquisador Emérito do Instituto "Lauro de Souza Lima", Bauru, SP. Editor-Chefe da Revista *Hansenologia Internationalis*. Contato: rfleury@ils.br.

Faculdades se desenvolvesse sob a forma de estágio em serviços básicos de saúde, uma maneira de retribuição destes médicos á formação recebida.

Evidentemente deveria se criar um mercado de trabalho decente e bem remunerado para os que escolhessem continuar como generalistas. Isto é caro? Não, com bons médicos o caro se torna barato. Os restantes teriam a liberdade de, após competente formação geral, partirem para especialização em outras áreas médicas. Serão sem dúvida, melhores especialistas.